

A polarização política no ambiente universitário, suas causas e consequências

Murilo Ferreira Nicoluzzi * Otávio Manoel Gonçalves†

Dezembro de 2016

Resumo

No presente cenário de efervescência política no qual o Brasil se encontra atualmente, ficam claros os diferentes posicionamentos tomados por determinados grupos. Na universidade, isso não só se reflete, como é agravado pelos relacionamentos internos de cada área de estudo. Fortalecida pelas redes sociais e pelos diferentes ramos da mídia tradicional, essa polarização tende a empobrecer as discussões de cunho político, enfraquecer as relações humanas dentro da universidade e prejudicar a própria formação acadêmica dos estudantes. Isso leva à formação de profissionais, de certa forma, padronizados, que não agregam tanto quanto poderiam a sua área de atuação.

Palavras-chaves: Política. Universidade. Sociedade. Equação civilizatória.

1.3

Introdução

Após constantes manifestações contra e a favor de medidas tomadas pelo governo federal, pode-se afirmar que o Brasil encontra-se em efervescência política. Uma das evidências mais recentes que corrobora com esse argumento são as ocupações de escolas e universidades públicas em todo o país, reação contrária à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 55/241. No contexto da Universidade Federal de

*murilofnicoluzzi@gmail.com

†otaviomg95@gmail.com

Santa Catarina, os centros voltados às ciências humanas foram ocupados, enquanto centros dedicados ao estudo de ciências exatas e de saúde mantiveram suas atividades acadêmicas normalmente. Observa-se, portanto, uma polarização política dentro do ambiente universitário, a qual será discutida no presente trabalho. Este artigo tem por objetivo esclarecer o porquê de as opiniões políticas estarem tão fortemente relacionadas à área de estudo, e como isso afeta a contribuição da comunidade acadêmica para com a sociedade, bem como na formação profissional e pessoal do aluno imerso neste processo.

Tem-se, aqui, como público alvo, a comunidade acadêmica, com o intuito de alertar professores e especialmente alunos sobre questões que, não só são de grande importância para todo profissional enquanto cidadão, mas são frequentemente observadas de forma parcial e distorcida. Distorção essa que decorre justamente da excessiva convivência desses indivíduos com outros que têm opiniões muito similares às suas. Isso tende a empobrecer discussões e prejudicar o diálogo a nível global, impedindo que a sociedade chegue a um consenso mais próximo da realidade, ou daquilo que seria verdadeiramente melhor para a população.

Tem-se, portanto, como fator de grande importância a influência que a academia tem sobre a formação política de seus estudantes. Tendo em vista a representatividade que estudantes têm, historicamente, a nível nacional e até internacional, nos debates políticos, tem-se que essa polarização não permite que a opinião geral deste grupo social seja traduzida nas manifestações. Deste modo, esse grupo, que compõe a elite pensante da nação, não consegue liderar os movimentos politizados com opiniões ponderadas. Isso acaba por interferir na própria credibilidade desses movimentos, além de enfraquecer o debate político, e, conseqüentemente, a própria democracia brasileira.

A influência do meio acadêmico na sociedade

Em meio aos desafios enfrentados pela sociedade no cenário de globalização em que o mundo se encontra, tem-se que o meio acadêmico ocupa posição de grande influência nas discussões relevantes ao desenvolvimento da sociedade como um todo. Segundo a definição de universidade postulada por (CHAUI, 2008), tem-se que as atividades de pesquisa, ensino e extensão obviamente estão permeadas pelas contradições, tensões, conflitos e valores que constituem a sociedade. Em outras palavras, tem-se que toda e qualquer atividade realizada dentro da universidade está impregnada com as problemáticas inerentes à sociedade.

Ao mesmo tempo, tem-se que, de acordo com o IBGE, 16% dos trabalhadores brasileiros têm ensino superior completo. Sendo assim, o grupo que tem esse acesso acaba por representar uma espécie de elite intelectual no país. Aliado a isso, tem-se que, também de acordo com o IBGE, 58,5% dos estudantes universitários brasileiros têm de 18 a 24 anos de idade. Sendo assim, é um grupo que tem seus posicionamentos políticos em formação, de modo que os estudantes acabam por ser bastante influenciados por seus professores e próprios colegas. No entanto, nas últimas décadas tem havido um aumento na idade média dos graduandos. Desse modo, pode-se ver a interferência de algumas pessoas com posicionamentos mais firmemente formados nesse processo de polarização política.

Ainda assim, como evidenciado por episódios históricos, tais como o movimento dos caras-pintadas, em 1992, os movimentos estudantis contra a ditadura, ou mesmo as manifestações populares realizadas em 2014, os estudantes são uma importante referência na mobilização popular quanto a questões ligadas a política. Isso está fortemente ligado à visão que a sociedade tem dos grupos estudantis, como movimentos bem informados, detentores do conhecimento necessário para o desenvolvimento da sociedade brasileira. No entanto, vivendo-se o dia-a-dia da universidade, sabe-se que tal conhecimento precisaria de uma maior discussão, para que ele possa ser lapidado antes de ser exposto à população.

A polarização

Vivenciando o cotidiano universitário, é fácil reparar que os movimentos de esquerda costumam partir de centros voltados ao estudo de ciências humanas e sociais. Da mesma forma, tem-se os movimentos de direita fortemente encabeçados pelos estudantes das áreas ligadas à tecnologia, às ciências exatas e de saúde.

Uma forte evidência dessa polarização foi observada no último semestre de 2016. Os Centros Acadêmicos Livres de Letras e História encabeçaram uma tentativa de greve geral de estudantes na Universidade Federal de Santa Catarina (DCE, 2016). Na época, esses cursos já haviam participado da ocupação de seus respectivos centros. Mesmo com discussões ainda relativamente abertas dentro de cada curso, os grupos mais incisivos em seus posicionamentos acabaram por obter sucesso na instigação das ocupações. Isso mostra, mais uma vez, a influência que alguns grupos têm sobre a população universitária como um todo, dentro de suas respectivas áreas de estudo.

Em seguida, o próprio Diretório Central dos Estudantes lançou nota decla-

rando que cada curso deveria decidir sobre a ocupação ou não de seu centro. Isso foi feito através de uma pesquisa de opinião. Mesmo com ampla aceitação nos Centros de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) e de Ciências da Educação (CED), 61, 94% dos estudantes da UFSC foram contrários às ocupações.

Lembrando que o Centro Tecnológico representa 18% dos estudantes da UFSC (que tem, no total, 14 centros), tem-se que, neste centro, 81% dos estudantes votaram contra as ocupações. Sendo assim, nota-se que uma boa parte dos outros centros votou favoravelmente ao movimento. Tem-se, aqui, mais uma grande evidência da polarização supracitada.

Causas

Segundo (ZIRGER, 2013), há, na atualidade, um enfraquecimento dos laços de cidadania e de coletividade, e uma conseqüente exacerbação da individualidade. Isso leva a uma fragilidade do debate político, dando um cunho pessoal às discussões, o que pode ser evidenciado em discussões em portais *online* e redes sociais, nos quais pessoas se utilizam da segurança conferida pela internet para expressarem posicionamentos extremos embasados essencialmente em seus interesses individuais.

Isso pode também ser observado no posicionamento de estudantes universitários com relação a política, uma vez que, em muitos casos, utilizam de seus interesses pessoais com relação a sua área de estudos para justificar suas escolhas políticas. Por exemplo, um estudante de engenharia, em teoria, se beneficiaria de um governo de direita, pois este fomenta mais o giro de mercado, e, conseqüentemente, a produção de tecnologia, ampliando, assim, o campo de trabalho desse tipo de profissional. Em contrapartida, um estudante de ciências sociais é mais imerso na realidade das camadas menos favorecidas da sociedade, e acaba priorizando o benefício a estes em relação aos princípios mais capitalistas. Sendo assim, tende - em teoria - a ter uma ideologia mais voltada para a esquerda.

O Facebook, maior rede social dos dias de hoje, por fazer uso de algoritmos que direcionam notícias para seus usuários baseado no que eles já leem, corrobora com a problemática. Além disso, a proliferação de notícias falsas por meio deste torna-se cada vez mais preocupante, uma vez que pode ser usado para manipulação de massa, visto o alcance dessa plataforma. Com base em dados de interação informados pelo Facebook, o site de notícias BuzzFeed concluiu que as 10 notícias falsas sobre a Lava Jato, maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve, mais compartilhadas na rede social em 2016 superaram em quantidade

de interações as 10 notícias verdadeiras sobre a operação mais compartilhadas.

A mídia tradicional também representa parte do problema, uma vez que um segmento significativo desta pertence a poucos e, portanto, está sujeita a reportar notícias que muitas vezes detêm uma "imparcialidade falsa", geralmente favorecendo seus próprios interesses. Apesar da importância desse tipo de mídia decair cada vez mais ao longo dos anos, ele ainda é de grande relevância no cenário brasileiro. Portanto a falta de imparcialidade, seja de Carta Capital, seja de Veja, é somente prejudicial para o país. Isso se alia, ainda, à falta de interesse dos próprios estudantes em buscar informações em diferentes fontes. Mesmo se tratando de um público mais jovem, que costuma se informar mais através de meios não convencionais de comunicação, presentes na internet, tais como *blogs*, *vlogs*, entre outros, estes meios são ainda fortemente influenciado pelos tradicionais. Assim, tem-se uma busca dirigida por informações, que realimenta os dispositivos já comentados das redes sociais, que ajudam a criar uma espécie de "bolha" de unilateralidade.

Contudo, não são só fatores internos ao meio universitário que levam a essa polarização. Na atualidade, o Brasil vive um cenário polarizado em todos os seus ambientes, como evidenciado pelo equilíbrio nas eleições presidenciais de 2014. Isso tem um relacionamento recíproco com o que acontece dentro das universidades, por diversas razões. A mais intuitiva delas é o fato de que os estudantes são influenciados pelo posicionamento dos pais. Vale lembrar que, dependendo do tipo de relacionamento da família, essa influência pode ser direta ou inversa. Além disso, frequentemente essa influência de cunho político se dá em conjunto com influência na escolha profissional. Aliado ao fato já mencionado, de que as posições políticas muitas vezes se dão de forma a proteger os interesses profissionais do indivíduo, tem-se uma contribuição do ambiente familiar para a participação do estudante na polarização aqui discutida.

Além disso, a divisão observável na sociedade como um todo alimenta ainda mais as discussões realizadas *online*, seja com argumentações unilaterais, criação de notícias falsas, entre outros. Isso aumenta a intensidade com que o universitário se vê envolvido nos seus posicionamentos previamente estabelecidos.

Por fim, tem-se que a universidade está inerentemente inserida na sociedade. Não há como se separar, propriamente, um âmbito do outro. Por isso, os diferentes grupos sempre se influenciarão mutuamente. Isso é um fator que, enquanto essa polarização persistir, irá alimentá-la na forma de um ciclo vicioso. No entanto, se houver atuação nas outras causas, essa característica da sociedade deve ser aquela que proliferará a discussão mais harmoniosa, saudável e produtiva para todos os

âmbitos sociais.

Em um contexto universitário, mais especificamente na Universidade Federal de Santa Catarina, tem-se também como causa a pequena carga horária dedicada a cursos interdisciplinares ou de fora da área de domínio dos estudantes. Há, portanto, uma falta de comunicação entre pessoas detentoras de pensamentos e raciocínios diferentes, o que é prejudicial para o diálogo sobre assuntos de grande importância para a sociedade brasileira. Em países que lidam com mais maturidade com discussões políticas, tais como Estados Unidos, Alemanha ou Suécia, a interdisciplinariedade da formação acadêmica é mais fomentada. Isso contribui não só com as questões políticas, diretamente, mas também com a tolerância entre estudantes de diferentes áreas de estudo. Isso também leva a uma comunicação mais ampla, o que também corrobora, mesmo que indiretamente, com o assunto aqui discutido. Aliado a isso, tem-se a forma de manifestação por parte dos próprios professores. Em muitos casos, estes nem mesmo se manifestam. Mas quando o fazem, frequentemente é de forma impositiva, o que apenas fortalece a polarização observada. No entanto, mesmo nos casos em que os professores abrem para discussão, isso não se torna muito efetivo, em função da já comentada deficiência no que diz respeito a interdisciplinaridade da formação acadêmica no Brasil.

Consequências

Em função dos fatores levantados anteriormente, tem-se diversos resultados refletidos na sociedade. Um deles é uma certa alienação política, pelo menos parcial. Isso se dá no ato de se ignorar, por vezes, os fatos levantados que sustentam opiniões contrárias às próprias. Em razão do sentimento muito forte de que apenas um dos lados de cada história está correto, muitas pessoas acabam por assumir que nenhum dos argumentos contrários têm fundamento. Isso, aliado às notícias falsas, que são frequentemente veiculadas, impede que o diálogo seja realizado de forma saudável e educativa. Cada uma das partes tende a achar que os dados irrefutáveis que colocariam sua opinião em dúvida são falsos ou manipulados, gerando certa alienação em relação à conjuntura política nacional.

Além disso, pode-se constatar um discurso bastante difuso sendo emitido pela comunidade acadêmica. Como já mencionado, a sociedade como um todo tende a ouvir e seguir os argumentos e posicionamentos dos estudantes universitários. No entanto, na conjuntura atual, tem-se que esse grupo não consegue declarar em uma só voz suas demandas, vontades e necessidades políticas. Logo, assim como a polarização interna das universidades é, de certa forma, um reflexo da sociedade, o con-

trário também é verdadeiro. As posições inicialmente formadas nas famílias entram na universidade através dos estudantes. Lá, elas são fortalecidas pelas informações e argumentos unilaterais. Assim, quando essas opiniões retornam para a sociedade, elas estão mais fundamentadas e ainda mais unilaterais. Desse modo, a polarização política no país fica ainda mais marcada.

Outro ponto decorrente desse discurso difuso é o enfraquecimento do movimento estudantil. Isso ocorre porque os estudantes não podem ser identificados como um grupo que luta pelo bem estar político e social do Brasil. Mas sim como diversos grupos, com diferentes demandas, que se manifestam de forma desordenada, e sem dúvida com muito menos força do que se teria se todos esses grupos chegassem a uma mesma conclusão e se unissem pelo bem da população.

No que diz respeito à discussão que se realiza fortemente nas redes sociais, tem-se ainda uma outra consequência. As discussões frequentemente acabam por perder o foco, que seria uma conclusão do que é mais benéfico para o Brasil. No entanto, nota-se um viés de orgulho muito presente nessas discussões. Por vezes, os argumentos chegam a ser apresentados sem embasamento, de modo a receber até um certo cunho pessoal. Nota-se, nesses casos, que a preocupação chega a se voltar mais para a busca pela satisfação de se ganhar uma discussão do que se chegar a uma conclusão razoável, que auxilie no desenvolvimento da sociedade, que tanto espera dos estudantes.

Outra consequência dessa polarização é um empobrecimento da experiência humana que a universidade pode trazer. A própria convivência com pessoas de diferentes áreas, com diferentes perfis pessoais e profissionais, deveria ser de grande ganho para os universitários. Segundo (PHILLIPS, 2014), a diversidade em um processo criativo leva a conclusões e soluções mais inovadoras. Assim, uma formação universitária mais diversificada pode fortalecer até mesmo o perfil profissional do aluno. Desse modo, os profissionais egressos das universidades poderiam obter habilidades fora da sua área de estudo, o que os tornaria melhores profissionais e cidadãos. No entanto, as discussões estão, atualmente, tão acaloradas, que chegam a ser gerados preconceitos entre as diferentes áreas de estudo. Logo, mesmo a pequena carga horária que poderia ser aproveitada em diferentes cursos, acaba por ser banalizada. Além disso, a própria chance de convivência, mesmo que de cunho eminentemente pessoal, é sub utilizada. Logo, essas capacidades advindas da interdisciplinaridade de conhecimentos não são desenvolvidas como poderiam.

Conclusões

A universidade, apesar de apresentar dinâmica própria, é uma reflexão do que acontece na sociedade brasileira. Assim, no cenário polarizado visto no país atualmente, tem-se o mesmo acontecendo no meio acadêmico. No entanto, esta parte da sociedade também influencia as demais, em razão do fluxo de informações e da pouca idade de seus integrantes, que lhe são características inerentes. Desse modo, cria-se um ciclo no qual sociedade e universidade alienam-se cada vez mais politicamente, o que vai contra o desenvolvimento do Brasil, bem como o estabelecimento e estruturação de sua tão jovem democracia.

A falta de imparcialidade da mídia tradicional jornalística brasileira, aliada ao direcionamento de notícias em redes sociais e proliferação de informações falsas por meio destas se mostram também como significativo agravante a esse problema. A partir do momento que as pessoas leem somente reportagens que corroboram com suas opiniões políticas, sem acesso a pontos de vista diferentes, elas não desenvolvem, ou aprofundam seus conhecimentos. Mas sim, fazem com que esses se tornem cada vez mais alienantes e unilaterais.

No contexto da Universidade Federal de Santa Catarina, pode-se afirmar que a falta de interdisciplinariedade e diálogo entre cursos com diferentes mentalidades e interesses constituem sérios agravantes para essa polarização política. Além disso, dentro da sala de aula, ou não há discussões sobre o assunto, ou há exposição errada do tema, uma vez que professores usam sua plataforma para executar sua própria manifestação política, sem incentivar o debate. Isso se mostra, como comprovado em (PHILLIPS, 2014), extremamente prejudicial para o desenvolvimento de ideias e soluções para problemas de nosso país, uma vez que a interdisciplinaridade na formação acadêmica se mostra essencial para a obtenção de soluções criativas

Por fim, tem-se que essa polarização enfraquece a formação acadêmica de todos os estudantes. Dessa forma, tem-se profissionais com perfis muito parecidos dentro de cada área. Trazendo para o âmbito da engenharia, isso faz com que os engenheiros recém formados tragam "mais do mesmo" para o mercado, quando nele se inserem. Assim, tem-se um retardamento do progresso tecnológico no país. Logo, no ato de ignorar posicionamentos que defendem medidas que podem ser, aparentemente, prejudiciais ao desenvolvimento tecnológico, esses estudantes podem estar, indiretamente, enfraquecendo-o mesmo assim.

Referências

- ALESSI, G. *Entenda o que é a PEC 241 e como ela pode afetar sua vida*. 2016. Jornal. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica-1476125574_221053.html>. Acesso em: 26.11.2016. Nenhuma citação no texto.
- ARAGÃO, A. *Notícias falsas da Lava Jato foram mais compartilhadas que verdadeiras*. 2016. Blog. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/alexandrearagao/noticias-falsas-lava-jato-facebook?utm_term=.seko1qlNx-gleN1gx2v>. Acesso em: 26.11.2016. Nenhuma citação no texto.
- CHAUÍ, M. *Escritos sobre a universidade*. 2008. Citado na página 2.
- COSTA ANA RAQUEL ROSAS TORRES, M. H. L. B. L. C. Joseli Bastos da. *Universidade: espaço institucional para o desenvolvimento político*. 1994. Revista científica. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttextpid=S1413-389X1994000100003>. Acesso em: 27.11.2016. Nenhuma citação no texto.
- DCE. *Nota de posicionamento do DCE frente à assembleia estudantil*. 2016. Nota oficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/dce-lu%C3%ADs-travassos-ufsc/nota-de-posicionamento-do-dce-frente-a-asmbl%C3%A9ia-estudantil/1096971630423998>>. Acesso em: 26.11.2016. Citado na página 3.
- JÚNIOR, O. G. *Participação política e gestão administrativa: Relações de alienação na universidade pública*. 2002. Nenhuma citação no texto.
- PHILLIPS, K. W. *How diversity makes us smarter*. 2014. Revista científica. Disponível em: <<https://www.scientificamerican.com/article/how-diversity-makes-us-smarter/>>. Acesso em: 27.11.2016. Citado 2 vezes nas páginas 7 e 8.
- SCHWARTZMANN, S. *Ciência, universidade e ideologia: a política do conhecimento*. 2008. Apostila didática. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/polcon.pdf>>. Acesso em: 27.11.2016. Nenhuma citação no texto.
- SILVA, A. O. da. *Universidade e Política*. 2010. Blog. Disponível em: <<https://antoniozai.wordpress.com/2010/04/24/universidade-e-politica/>>. Acesso em: 28.11.2016. Nenhuma citação no texto.
- ZIRGER, J. *Formação política na universidade: possibilidades a partir de (con)vivências na extensão/UFRGS*. Dissertação (Mestrado), 11 2013. Citado na página 4.